

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

SINAIS A-NUNCIADORES

Palavra Anterior

II

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



SINAIS A-NUNCIADORES

PALAVRA ANTERIOR

Havíamos-nos conhecido, **antes** de nascer. Havíamos-nos encontrado, **antes** de sair à cena no retábulo histórico do milênio por-vir. Olhamo-nos nos olhos, e sem dizer palavra, surgiu a palavra que abre o sulco para a semente.

Os filósofos da cultura nos falam do “fim da história” e do “ocaso dos deuses”.

Porém, qual é o signo do novo tempo?

Quem são os novos deuses?

Como se configuram os novos valores?

Antes de tentar responder com o pensamento a estas perguntas – sempre que o código de sentido dessas perguntas não tenha apagado todo pensamento **antes** de que chegue a resposta - cabe uma pergunta anterior:

Quem somos?

De onde nos reconhecemos “antes” de nascer?

Pre-sentimos que um grande ciclo cosmogônico chega a seu fim. Já não temos mais tempo. Quem somos? Somos **prot-agonistas** de um fenômeno humano completamente novo: acontecimento **inicial** que não pode ser explicado nem interpretado em função dos moldes mentais e emocionais do antigo tempo. De que lugar estamos nos reconhecendo? Do o exílio!

Milhões de seres humanos foram desalojados de seus antigos corpos, não só institucionais, sociais, também de seu corpo físico: já não ocupamos o mesmo lugar no mundo, já não habitamos o mesmo corpo... a história crítica da cultura não basta para explicar o novo fenômeno humano. A ruptura de simetria da antiga imagem do mundo nos lançou fora do estreito marco histórico em que vivíamos e tínhamos

nosso ser, em direção a um cenário cosmogônico que ainda não é nosso reino: estranho sentimento de perda de identidade do homem terrestre (“Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?”). As projeções culturais, científicas, técnicas e ainda religiosas do pensamento humano para o século vindouro, para o novo milênio ou para os milênios sucessivos, são insuficientes para apreender o código simbólico da

Galáxia humana em In-plosão.

Por que digo “em In-plosão”? Porque se trata de um acontecimento **inicial**, que nos golpeia por dentro (mais perto que o perto), e que precisamente, por **ser inicial**, não nos dá tempo para nenhuma reflexão filosófica sobre o ser e o tempo: o mensageiro, **antes** de bater à porta já derrubou a casa.

Se tivéssemos que perguntar algo ao século vindouro não perguntaríamos pelo destino do conhecimento acumulado, mas pela pre-figuração do saber: o que tem a dizer-**nos** a luz que ingressa? Perguntamos pelo

Sinal A-nunciador.

Por que A-nunciador? Porque chega **antes do “núncio”**: a “mensagem” chega “**antes**” que o “mensageiro”. Através da intuição intelectual de Heisenberg (Física quântica) conhecemos o “princípio de incerteza”. Porém, com anterioridade a Heisenberg, outro “mensageiro” deu testemunho do “advento místico da luz”: “Uma esplêndida luz se fez dentro de mim”. A partir desta experiência interior chegamos a dar-nos conta de que:

Tempo “inicial” é o Não-tempo da revelação.

O “sinal A-nunciador” se antecipa ao pensar: é de outra ordem, diferente do conhecimento científico, filosófico, técnico. Não está na linha horizontal do tempo e sim, na dimensão vertical das significações: não está no tempo, senão que pre-

figura o signo do tempo. Os paradoxos da ciência moderna e as catástrofes de significados do mundo moderno – cada um destes acontecimentos a seu modo – trazem à vista uma I-luminação **inicial** que nos deslumbra: nos deixa cegos para o ultrassentido desses acontecimentos. Somos golpeados por uma revelação que se oculta ao revelar-se:

RevelaçãoRe-velada.

O ingresso desta Luz que A-sombra tem para a humanidade de nosso tempo o caráter (a natureza) de um contacto com o Sagrado: o próprio Einstein, comovido pelo **toque** maravilhoso desta experiência profunda, se inclina reverente ante o despertar de um sentimento de “religiosidade cósmica”. Porém, não é fácil sustentar-se neste espaço da revelação sem cair: logo vieram os cientistas e os técnicos e fabricaram a bomba...

E surge então a pergunta pelo tempo. Qual é o tempo que hoje nos cabe viver?

Tempo do “**fim** da história e do último homem”?

O tempo **inicial**: de advento de um novo homem?

O novo homem ainda não tem lugar no mundo. Não havíamos escutado isto antes, em outro tempo? “Não havia lugar para eles na pousada”. Não se trata aqui de “sinais”, mas de “sentido”. Hoje mais que nunca, lançamo-nos à pergunta pelo **sentido**.

Já não estamos tão seguros: o mundo mudou. No que já passou do século, foram realizadas obras gigantescas, porém a alma do homem se pergunta pelo sentido da Obra. Quando acreditávamos haver alcançado os cumes do pensamento racional nos encontramos com os paradoxos da ciência. Quando tivemos nas mãos o poder da técnica e pusemos nossa fé na técnica como “mensagem de salvação” (Thomas Berry) tropeçamos com os paradoxos da realidade: crescimento da

produtividade com desemprego; liberação de todas as energias (*Après l'orgie*, **Baudrillard**) com síndrome de imunodeficiência adquirida; “Aldeia Global” por um lado, angústia existencial e perda de sentido pelo outro; hegemonia do poder político e econômico por um lado, insuportável presença do mal, por outro.

Ao fechar-se o poderoso Éon de Peixes, um véu de tristeza cósmica cobre nosso coração.

Algo essencial foi perdido!

Já pelos anos 20, o grande Ortega anunciava com voz profética: “Passou a hora das revoluções: entramos em uma época de alma desiludida”. Com a queda do muro de Berlim (1989) tivemos a breve esperança de entrar em uma época de paz mundial e de cooperação de forças criadoras. Mas já era tarde: havíamos cruzado o ponto crítico de “não-retorno”. O torvelinho de “energia inversa” do sistema terminava engolindo sus próprios filhos: desembocávamos no teatro da crueldade social, onde se representa o drama sem-sentido da história.

carácter E agora?

“É mais fácil gritar: ‘para frente!’ que ‘para onde?’”, diz Edward Matchett (criador do método de desenho logotécnico). Cedo nos daríamos conta de que a chave era outra. Já não se tratava de interpretar o mundo (como o tentaram os filósofos especulativos), nem sequer de transformá-lo (como haviam prometido os políticos revolucionários). A transição de fase da vontade de poder do homem terrestre à consciência expansiva do homem cósmico não se daria por conversão ideológica, mas por transfiguração sacrificial: um novo *mysterium*.

Sacrifício cotidiano dos inocentes

Por que digo “*mysterium*”? Porque a busca de sentido por via intelectual tem seus limites: o limite da *visio cognitionis*.

A terceira pergunta ao tempo por vir - além das perguntas pelos “sinais” e o “sentido” - ultrapassa todos os marcos intelectuais do homem em sua tentativa por compreender a ordem transcendente do mundo: é a pergunta pela

Vida.

E a pergunta pela Vida se resolve no mistério da morte.

Em nossa era técnica chegamos a roçar uma fronteira simbólica, ponto crítico de interioridade onde nem a “reflexão” nem a “reflexão da reflexão” já não nos servem de guia para descobrir o certo no caminho incerto: trata-se da experiência extrema de radicalização do tempo do homem. O século XX se fecha com um signo ameaçador. Em muitas áreas do planeta e ainda no tecido de nosso próprio corpo, onde antes florescia a luminosa vida, agora vive a sombria morte: ruptura do equilíbrio ecológico entre a vida e a morte. O que “é” (ou melhor: “quem” é) esta morte (com maiúscula) que hoje nos toca tão de perto e a cada hora dos “trabalhos e os dias”?

Não-é!

Já não falamos aqui da “morte” e sim, da “degradação da vida”. De uma ou de outra maneira. E, pelo menos em alguma medida, estamos nos aproximando de uma tomada de consciência sobre o mistério da morte. Entramos em uma fase do Tempo em que o claro subitamente se torna escuro e que para voltar a ser **claro** deve passar pelo mais escuro que o escuro: já não se trata da noite escura mística da alma, mas da tenebrosa escuridão da matéria. Este trans-sito da luz à Escuridão e da Escuridão à luz, já não se realiza pela dialética intelectual dos opostos e sim pela

reversibilidade dos valores da vida.

Algo novo nasce desta **reversão** das forças da luz e da sombra, da vida e da morte: não só nova sensibilidade, novas ideias, mas também novas “moléculas”.

Outras moléculas (moléculas analógicas)
marcam o ritmo de
funções humanas de ressonância cósmica.

Esta radicalização do tempo, esta reversibilidade de valores, esta transcrição **Gen-ética** do sopro do espírito em química da vida, essa transfiguração da matéria humana em coreografia da luz - que alguns mensageiros do Verbo vivem como **resonantia-Verbum** - comove, ao mesmo tempo, o equilíbrio ‘térnico’ de milhões de seres humanos que, de repente, sem havê-lo escolhido, são escolhidos para participar na grande obra de transfiguração social do Verbo.

Hoje, em escala planetária, estamos vivendo sob uma forte “pressão evolutiva”: movimento frenético de des-integração/iluminativa que reverte a trajetória de sentido de todos os modelos – os quais, para interpretar o mundo, havíamos fabricado com as regras do antigo cálculo e os cânones da antiga geometria. De repente, as coisas que tínhamos nas mãos: um conhecimento, uma teoria, um bem, uma visão do mundo, todo isso desaparece e se converte em outra coisa. Pequenos acontecimentos geram efeitos catastróficos. O que ontem sustentava nossa vida com sentido nos deixa hoje à intempérie por colapso de sentido. O que ocorreu no essencial?

Cruzamos uma barreira perigosa.

Entramos no jogo de uma nova lei.

Troçamos com o real: um **Poder** mais que humano rompe a continuidade do tempo histórico e a antiga lógica das funções da vida. Jacques Monod, destacado

biólogo, o diz em termos mais dramáticos: “Rompeu-se o antigo pacto com a Natureza”. A crise que hoje vivemos no homem e no mundo não é ideológica: é **Gen-ética**. No que tange à **vida** da civilização que vem, a “chave simbólica” não é o nascimento de uma nova ideia, mas a **gestação** de uma “molécula-vínculo”. Ressonância gen-ética: nova matéria humana, nova química social, nova **Physis**. Ontem, no mundo das leis mecânicas, nos caminhos em linha reta do cosmos euclidiano, podia-se “ficar” onde se estava e a vida prosseguia seu curso sem maiores sobressaltos: podia-se morrer a seu devido tempo. Hoje, nos circuitos magnéticos da era eletrônica, no vórtice de antissentido dos relógios ultraquímicos, muita gente morre **antes do tempo**: muitos germes luminosos morrem **antes** de nascer.

A mensagem da era que se **inicia** é subliminar, pro-fética, supralumínica:
mensagem de **ressonância** entre o espírito e a matéria.

Não temos ainda **teoria** para decifrar o “código” desta ressonância gen-ética que rompe a estabilidade da matéria viva, nem dispomos de uma **techné** para manejar a poderosa corrente de energia humana que se liberou no planeta. porém não nos adiantemos:

O que é ressonância?

Em física de partículas, em colisões de alta energia, os investigadores descobriram “estados” da matéria de muito curta vida, **estados-acontecimentos** que foram caracterizados com nomes tão estranhos como “canais de ressonância”, “energia de ressonância”, “valores de ressonância”: “Quando a energia, ou a frequência, alcança um certo valor, o canal começa a ressoar” (Fritjof Capra, no *Tao da Física*). Existe algo semelhante a nível humano, na ordem do amor, do conhecimento, da vida?

A escala humana, a níveis de alta energia do espírito, **o ouvir se antecipa ao ver: função de ressonância –Verbum.**

Se não consigo ouvir não chego a ver nada. Para os que “têm ouvidos e não ouvem” o mundo continua sendo o que foi, a vida continua sendo um sonho e a história se repete no fatídico círculo do eterno retorno. Porém hoje alguns começam a ouvir, e chegam a ver que foram arrancados do velho caminho, que o mundo é outro, que as forças que movem a vida são outras e que existem coisas que já não têm conserto: porque fomos demasiado longe, cruzando a fronteira do não-retorno. Existem leis da vida ainda pouco conhecidas. A vida tem recursos pouco compreendidos: quando tudo parece estar perdido, surge uma vanguarda que avança/retirando-se: são aqueles que, **antes da catástrofe**, pre-sentem a Voz da ressonância pro-fética nas águas da vida.

Antes da catástrofe, soa a hora por-nascer.

Reduzimos a “Voz pro-fética” a uma formulação doutrinária do que vai vir, sem perceber que essa palavra-**anterior** é con-stitutiva da Língua mãe, e que a primeira tarefa que temos pela frente no ciclo cosmogônico que se **inicia** é voltar a escutar o ritmo ontofônico do Verbo, língua sagrada que esquecemos em nosso afã por conquistar a Terra. Não se trata, certamente, de uma tarefa reservada à linguística e aos filólogos. Trata-se de uma epopeia da raça humana em seu conjunto: restabelecer o elo perdido com a fonte primigênia da Vida.

No umbral do século vindouro, na fronteira do terceiro milênio,
pre-sentimos uma Obra sistemática gigantesca:
restabelecer no homem, a ordem sagrada do mundo.

Esse “Gen”, essa “forma primigênia” (Primo-gen) já está emitindo a Onda pro-fética que sustenta (pré-figurativamente) as funções, os ofícios e as ferramentas da civilização planetária do terceiro milênio.